

# Disparates agridem o meio ambiente

Ciência que ganhou as ruas, a ecologia tem sido vítima de palpites infelizes e engraçados

LIANA JOHN e  
LINA DE ALBUQUERQUE

Nenhuma outra grande preocupação desta década produziu tantos mitos e fez gerar tanta discórdia como a ecologia. Ao romper as cercanias das salas dos especialistas, ela virou tema popular sujeito às chuvas e trovoadas dos palpites mais temerários. Convertida em modismo ao mesmo tempo que continuava a ser pautada como assunto de primeira ordem por cientistas sérios, a ecologia também se viu repentinamente cortejada pelos políticos brasileiros. Até mesmo quem se negou a enxergar que as suas páginas espichavam a cada dia na imprensa, acabou afinal se convencendo da importância do assunto assim que o Banco Mundial começou a condicionar empréstimos ao respeito pelo meio ambiente.

O fermento jogado na ecologia contribuiu para evidenciar a enorme falta de informação existente em torno da matéria. Há poucos meses, uma pesquisa do Instituto Vox Populi revelou que 81,3% dos brasileiros de diferentes graus de instrução têm pouca ou nenhuma familiaridade com a questão. Esse é um meio, portanto, propício à difusão de erros e enganos ecológicos. Acrescente-se a tudo isso o fato de tanto a imprensa como grande parte dos seus informantes serem fontes inesgotáveis e permanentes de dúvidas.

Na opinião de Volker Kirchhoff, especialista em ozônio do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), cientistas renomados têm também a sua parcela de culpa: "Existe uma corrente, com a qual não concordo, que não gosta de perder tempo com a imprensa porque acha que os jornalistas vão escrever tudo errado", diz ele. O cientista Carlos Nobre, da área

de modelos de simulação de clima do Inpe, oferece mais uma explicação: "Os mitos sobre a Amazônia, como o pulmão do mundo ou a desertificação, só persistiram por algum tempo devido à falta de conhecimento sobre a região". Com o aparecimento de novas informações, no entanto, ainda há um caminho longo a se percorrer — o da desmistificação.

Os brados exagerados — e muitas vezes infundados — de certos movimentos ecológicos pouco ajudam nesse trabalho. Nas suas românticas missões de salvamento, alguns ambientalistas podem até atrapalhar e causar problemas. Um caso clássico ocorreu há dois anos, nos Estados Unidos, quando militantes de uma associaçãoacionista denominada "Banda da Misericórdia" invadiram um laboratório de pesquisa e libertaram 11 gatos contaminados com o parasita *Toxoplasma gondii* — que pode provocar retardamento mental ou problemas visuais em seres humanos.

"Eles são os eco-histéricos", acusa Nuno Octavio Vecchi, diretor do Exotiquarium, o aquário comercial do Shopping Center Morumbi. Por causa das pressões de entidades ecológicas, Vecchi foi obrigado a devolver ao Rio Formoso, em Goiás, um boto cuja captura havia sido autorizada inclusive pela Superintendência do Desenvolvimento da Pesca. Até hoje, a história desse antigo morador do Exotiquarium rende polêmicas. "O boto não é uma espécie ameaçada de extinção e deveria ficar no cativeiro porque dava ali verdadeiras aulas de educação ecológica às crianças", opina Elton Colaris, na ocasião chefe do departamento dos mamíferos aquáticos do Instituto de Pesquisas Amazônicas (Inpa). "O problema é que no Brasil há muitos ecologistas e poucos ecólogos", sonda Maria Inês Pagan, coordenadora do único curso de graduação em ecologia do País — o da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, em Rio Claro.

Colaboraram Luiz Roberto de Souza Queiroz, em São Paulo, e Mônica Torres Maia, em Brasília



Amazônia: a verdade sobre a devastação convive com mitos absurdos e teses sem fundamento

Kenji Honda/AE